

MANIFESTAÇÕES DA CRISE

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 14/11/01

As fundações de apoio das universidades devem continuar a existir, embora esteja muito claro que elas constituem uma manifestação do jeitinho brasileiro e da crise da universidade estatal. São uma irregularidade para dar flexibilidade ao rígido sistema burocrático que prevalece nas universidades federais e estaduais.

Quando uma organização estatal precisa de uma fundação de apoio é sinal de que a propriedade estatal lhe impõe restrições administrativas incompatíveis com a natureza do serviço que ela presta. É sinal de que deveria ser transformada em uma organização pública não-estatal, em uma entidade do terceiro setor, mais especificamente em uma organização social.

Como, entretanto, muitos ainda a confundem a transformação em organizações sociais com privatização, como outros temem que essa transformação implique na perda ou diminuição do apoio financeiro do Estado, a universidade estatal brasileira não toma as providências necessárias para se auto-reformar, para ganhar além da autonomia acadêmica que já tem autonomia administrativa necessária, e assim encontrar o caminho da superação de sua própria crise, dispensando o recurso a fundações de apoio.

As fundações de apoio existem para realizar pesquisas e estudos por solicitação de órgão do estado, para fazer consultoria, e para oferecer cursos curtos de educação continuada. Embora essas atividades não constituam o cerne da universidade, que é o ensino regular de graduação e pós-graduação e a pesquisa, são todas atividades legítimas. Podem ser remuneradas pelos beneficiários dos serviços, complementando-se, assim, a remuneração dos docentes. Por que, então, não realizar diretamente essas atividades ao invés de recorrer às fundações de apoio? Porque essas atividades exigem flexibilidade e ajustamento ao mercado, que é quase impossível quando a propriedade é estatal.

Organizações que realizam atividades exclusivas de estado não necessitam de fundações de apoio. Já imaginaram a Receita Federal, ou Tribunal de Justiça de São

Paulo terem uma 'fundações de apoio'? É inimaginável. São entidades com poder de estado, que só podem ser remuneradas pelos recursos advindos da tributação. Existe uma diferença essencial entre as atividades exclusivas de estado, que só podem ser financiadas pelo próprio estado, e as atividades sociais e científicas, como as universidades, que devem ser financiadas principalmente pelo estado, mas são competitivas, e geralmente devem ter receitas próprias.

As fundações de apoio são típicas dos departamentos ou escolas profissionais das universidades, como engenharia, economia, administração. Para estas a complementação salarial realiza-se principalmente através dos serviços que os docentes nelas prestam. Já as escolas puramente científicas não têm essa possibilidade: por isso nelas a complementação salarial deve vir de órgãos estatais de apoio à pesquisa, como o CNPq e a FAPESP.

Elas constituem, portanto, uma forma esperta, brasileira, de complementar salários dos professores de departamentos profissionais, estimulando-os, assim, a ficarem dentro da universidade, ao invés de se dedicarem à consultoria privada.

As universidades americanas, inclusive as chamadas 'estaduais', são todas públicas, mas nenhuma é estatal, seus funcionários e professores não são servidores públicos. Realizam atividades de consultoria e ensino continuado, mas não necessitam de fundações de apoio, porque já são autônomas administrativamente, porque possuem um sistema institucional semelhante ao das organizações sociais. Da mesma forma, a Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, onde eu ensino, tem seus cursos de graduação e pós-graduação e seu centro de apoio a pesquisa, mas tem também um centro de educação continuada e um escritório de consultoria, sem, para isto, precisar de outra fundação.

As fundações de apoio constituem uma irregularidade do ponto de vista da visão burocrática do estado porque são uma forma de escapar aos controles rígidos que o Estado impõe a suas próprias atividades. De um ponto de vista mais amplo, trazem o constante perigo de não serem transparentes e escaparem aos controles necessários da sociedade. Mas é preciso admitir que não há alternativa de curto prazo para elas. Enquanto mantivermos nossas universidades como propriedade estatal, uma das muitas formas através das quais sua própria crise continuará se manifestar será através da existência da fundação de apoio.